

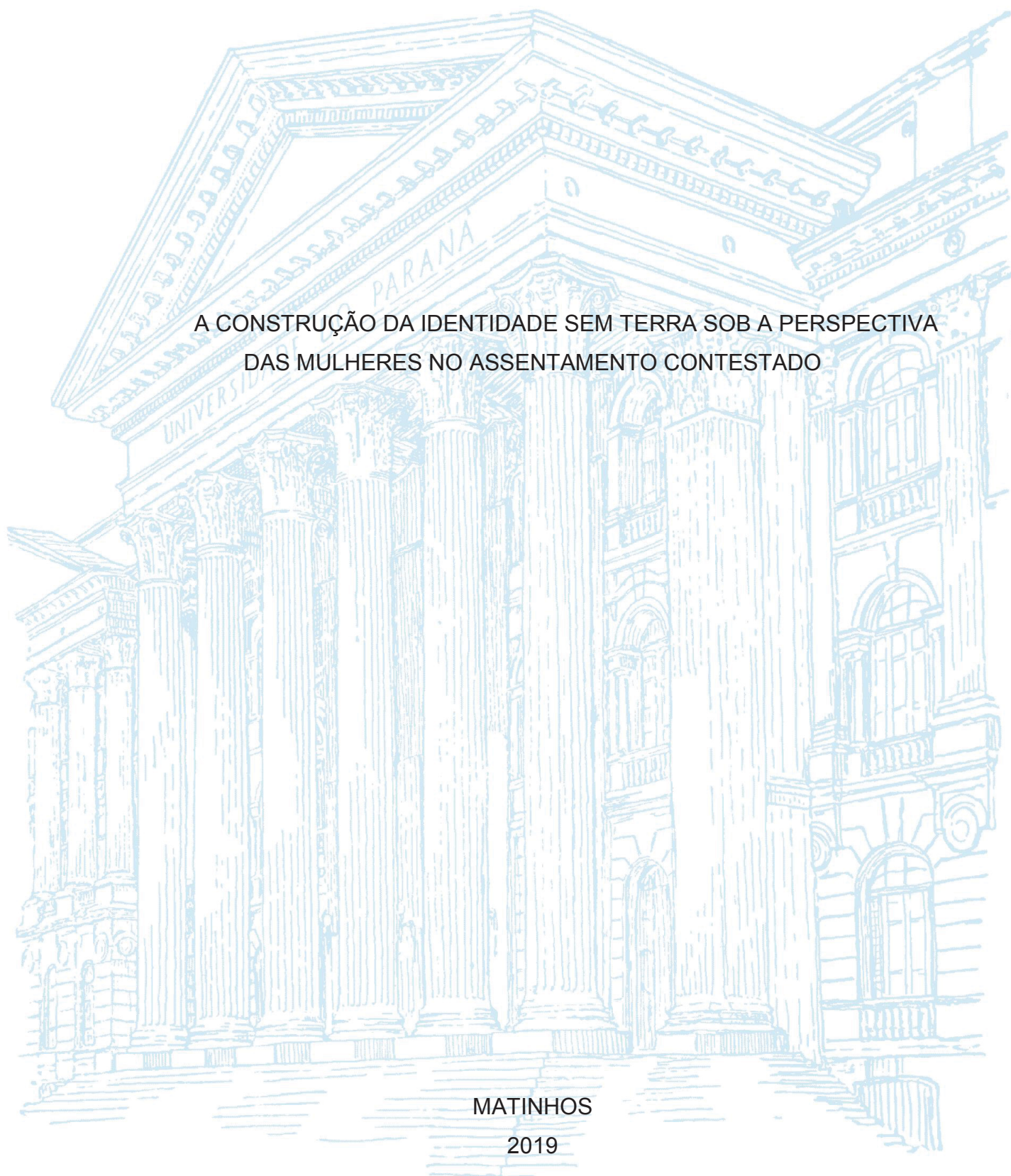
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MARCIA KORCZAK

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE SEM TERRA SOB A PERSPECTIVA
DAS MULHERES NO ASSENTAMENTO CONTESTADO

MATINHOS

2019



MARCIA KORCZAK

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE SEM TERRA SOB A PERSPECTIVA
DAS MULHERES NO ASSENTAMENTO CONTESTADO

Artigo apresentado como requisito parcial à conclusão do curso de Especialização em Educação do Campo e Realidade Brasileira através de seus pensadores, Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Simone Aparecida Rezende

MATINHOS

2019



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
 SETOR LITORAL
 UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
 PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
 CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO DO CAMPO E A
 REALIDADE BRASILEIRA A PARTIR DE SEUS
 PENSADORES - 40001016329E1

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO DO CAMPO E A REALIDADE BRASILEIRA A PARTIR DE SEUS PENSADORES da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Monografia de Especialização de **MÁRCIA KORCZAK** intitulada: **A Construção da Identidade Sem Terra sob a Perspectiva das Mulheres no Assentamento Contestado**, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de especialista está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Matinhos, 12 de Outubro de 2019.

SIMONE APARECIDA REZENDE
 Presidente da Banca Examinadora

JEZI LÓICI BACK

Avaliador Interno

ANDREA FRANCINE BATISTA

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

MULHERES SEM TERRA, ANALISE A PARTIR DA CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE

MARCIA KORCZAK

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo compreender a construção da Identidade Sem Terra sob a perspectiva das mulheres no assentamento contestado, localizado no município da Lapa no estado do Paraná. Trata-se de um estudo de cunho bibliográfico, e entrevistas semiestruturada. Nele vai discorrer sobre o olhar das mulheres na construção do assentamento contestado pensando os sistemas produtivos, como as mulheres fortalecem a Identidade Sem Terra no assentamento, sendo elas vítimas históricas de um processo de submissão, preconceito e violência que a sociedade capitalista e o patriarcado desenvolveu sobre elas.

Palavras-chave: Mulheres. MST. Identidade Sem Terra.

RESUMEN

Este documento tiene como objetivo comprender la construcción de la identidad sin tierra desde la perspectiva de las mujeres en el asentamiento en disputa, ubicado en el municipio de Lapa en el estado de Paraná. Este es un estudio bibliográfico, e investigación participante con observaciones y aplicación de cuestionarios. Discutirá el aspecto de las mujeres en la construcción del asentamiento en disputa pensando en los sistemas productivos, cómo las mujeres fortalecen la identidad sin tierra en el asentamiento, siendo víctimas históricas de un proceso de sumisión, prejuicio y violencia que desarrolló la sociedad capitalista y el patriarcado sobre ellos

Palabras clave: Mujeres. MST. Identidad sin tierra

INTRODUÇÃO

A valorização da participação, inserção e a visibilidade das mulheres na sociedade brasileira foi travada por muita luta, e exigiu das mulheres muita garra e persistência. Historicamente na sociedade, a mulher sofreu diversas formas de exploração, vinculada ao não reconhecimento de sua importante contribuição nos processos de construção histórica.

Contrapondo-se a esse sistema, durante seus trinta e cinco anos de história, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST, luta por Reforma Agrária, e pelo acesso a terra, escola, conhecimento e educação. Acesso à uma educação que valorize a identidade Sem Terra e ajude a formar sujeitos críticos, reflexivos, transformadores de uma nova sociedade e essas lutas sempre contou com a presença de todos e todas, ou seja, as famílias.

No intuito de compreender o objeto de estudo, a construção da identidade Sem Terra sob a perspectiva das mulheres no Assentamento Contestado, a escolha deste tema se deu pelo fato de estar inserida no referido assentamento, e este assunto ser levantado pelo coletivo de mulheres, em um trabalho de base que realizamos para construção do inventário da realidade.

Nesse sentido que a pesquisadora se propõe a pesquisar sobre mulheres Sem Terra, analise a partir da construção de uma identidade, de modo a compreender, o que é a identidade Sem Terra e qual a importância desta identidade, para o coletivo de mulheres do assentamento, sob o olhar das mulheres nos sistemas produtivos e outros espaços de cooperação e formação coletiva.

Porém neste estudo será feito um recorte para as mulheres do assentamento contestado e essa construção de uma identidade é uma construção coletiva das mulheres Sem Terra.

Evidencia-se na pesquisa como a identidade Sem Terra, a partir da perspectiva das mulheres, influenciam diretamente no desenvolvimento do Assentamento Contestado, em especial na construção teórico-prática da soberania alimentar destas famílias, na construção da Reforma Agraria Popular, pois está presente na agroecologia, trabalhada muitas famílias do assentamento, que foi se ampliando desde o início de sua constituição.

Para a realização deste artigo analisou-se como referência os escritos de Roseli Salette Caldart em: *Pedagogia do Movimento Sem Terra* (2012), Daiane Silva de Oliveira, “Feminismo e MST: avanços e desafios para consolidação do coletivo de mulheres no Paraná”, Stédile e Fernandes, “Brava gente: a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil e do Setor de Gênero do MST”, “Feminismo camponês e popular: com identidade e revolucionário.

Também buscou-se estudar outros materiais e autores que tem importância na questão de identidade e gênero. Sendo assim, a metodologia da presente pesquisa contará com estudos bibliográficos, e entrevistas com cinco companheiras que fazem parte do coletivo de mulheres do assentamento. Os livros, artigos, teses e dissertações levantadas comporão uma lista bibliográfica para posteriores estudos.

A pesquisa para o Movimento Sem Terra é uma ferramenta de luta política, de fundamental importância para fazer as transformações que a sociedade tanto precisa, um princípio educativo que forma e constroem sujeitos. Com base no método escolhido a pesquisa pode ser definida como elemento fundamental na resolução de problemas coletivos. Sendo que para se iniciar uma pesquisa o fundamental é que se haja um problema de pesquisa, que pode ser entendido como uma questão que desperta interesse e curiosidade no pesquisador. (CARDART e ALENTEJANO, 2014. p. 8)

Por meio dos passos, a ser desenvolvido na pesquisa pretende-se organizar a escrita em capítulos nos quais tentaremos demonstrar qual a importância da identidade Sem Terra para as mulheres, compreendendo se a participação das mulheres influenciam no desenvolvimento do Assentamento Contestado, e se este processo contribui na construção dessa identidade.

O ASSENTAMENTO CONTESTADO E A CONSTRUÇÃO DA REFORMA AGRÁRIA POPULAR

A luta pela Reforma Agrária no Brasil faz parte da história do nosso país, e a não efetivação desta como base de desenvolvimento agrário deu origem a vários conflitos e problemas que temos hoje como a concentração de grandes propriedades de terra em mãos de poucos, uma desigual distribuição de terras que exclui muitos brasileiros de terem acesso a terra “ A Reforma Agrária é um programa de governo que busca democratizar a propriedade da terra numa determinada

sociedade, garantindo que todos que queiram nela produzir e viver tenham condições[...]” (ITERRA, 2014. p. 10). É uma das formas mais usadas de fazer a Reforma Agrária é a desapropriação de grandes latifúndios pelo Estado.

O MST foi fundado oficialmente em janeiro de 1984, no primeiro Encontro Nacional de Trabalhadores Sem Terra, em Cascavel¹ no estado do Paraná. Porém anteriormente, já haviam algumas discussões sobre o Movimento², pois vários fatores influenciaram a gênese do seu nascimento, desde o a grande massa de famílias sem terra, entre as ocupações realizadas na luta pela terra.

O MST passou a existir também por meio do trabalho das igrejas Católicas e Luteranas, com um trabalho pastoral inspirado pela teologia da libertação³. Durante seus trinta e cinco anos de luta, este movimento tem acumulado avanços na luta pela terra, por Reforma Agrária e transformação social.

Frutos desta luta foram criados vários assentamentos⁴ no país, um deles é o assentamento Contestado localizado na antiga Fazenda Bom Jardim, que posteriormente denominada como Fazenda Santa Amélia. A fazenda pertenceu desde o século XVIII, a família Pacheco, fundadora do município da Lapa. Nesta família, nasce David dos Santos Pacheco, mais conhecido como Barão dos Campos Gerais, detentor de muitas terras no Paraná e no Rio Grande do Sul. Em suas fazendas, fez-se senhor de escravos, e os alforriou em 1880, com a visita do Imperador D. Pedro II, em sua casa, na Lapa, essa decisão de alforriar seus

¹ Cidade do oeste do Paraná. Região colonizada na década de 1950 por migrantes sulistas. Desde aquela época, sempre foi palco de conflitos de terra. A região era base de movimentos pela terra no Paraná e, por isso possuía uma carga simbólica muito grande. O Encontro foi realizado nas dependências do Seminário Diocesano da Igreja Católica. (STEDILE; FERNANDES, 1999, p.44).

² Referência ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

³ Corrente pastoral das igrejas cristãs que aglutina agentes de pastoral, padres e bispos progressistas que desenvolvem uma prática voltada para a realidade social. Essa corrente ficou conhecida assim porque, do ponto de vista teórico, procurou aproveitar os ensinamentos sociais da igreja a partir do Concílio Vaticano II. Ao mesmo tempo, incorporou metodologias analíticas da realidade desenvolvida pelo marxismo. Dessa corrente surgiram diversos pensadores importantes, entre eles padre Gutierrez, do Peru, Clodovis Boff e Leonardo Boff, Hugo Asmann, do Brasil. A maioria dos percursores é da América Latina (STEDILE; FERNANDES, 1999, p.20).

⁴ “No Brasil, o termo assentamento rural esteve atrelado, por um lado, a atuação estatal direcionada ao controle à delimitação do novo “ espaço” criado e, por outro, às características dos processos de luta e conquista da terra empreendidos pelos trabalhadores rurais. [...] em relação as características dos processos de luta e conquista de terra, as designações assentamento/ assentado parecem estar muito mais associadas a ideia de Reforma Agrária do que a de colonização, visto que o termo vem carregado, historicamente, em confronto de projetos políticos. [...] Os assentamentos assumem, então, configurações distintas – coletivos/individuais; agrícolas/pluriativos; habitação em lotes/em agrovilas; frutos de programas governamentais e estaduais/federais; com poucas/muitas famílias; organizadas/e ou politicamente representadas por associações de assentados, cooperativas, movimentos sociais, religiosos, sindicais, etc.” (LEITE, 2012, p. 109-110-111).

escravos, uma atitude voltada a impressionar o imperador, pois era um momento de conflitos intensos pelo fim da escravização, onde o movimento abolicionista tornava-se cada vez mais forte. O Brasil foi praticamente o último país da América Latina a passa pela abolição.

Somente em 1985, é que os descendentes vendem a fazenda à empresa transnacional INCEPA, que atua no ramo da produção de cerâmicas de luxo para acabamento na construção civil. (KORCZAK; NOTÁRIO; SANTOS E TUNINI, 2019).

Em 1995, em audiência com o Presidente da República Fernando Henrique Cardoso, os dirigentes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST - apresentaram a solicitação de que fosse disponibilizada para fins de Reforma Agrária, as terras de empresas que tivessem dívidas com a Previdência Social, o incluindo o caso da empresa INCEPA. (KORCZAK; NOTÁRIO; SANTOS E TUNINI, 2019).

No dia 07 de fevereiro de 1999, cerca de 40 famílias que até então moravam próximo à cidade da Lapa ocupam a sede da antiga Fazenda Santa Amélia, com o passar dos dias foram chegando das diversas regiões do estado do Paraná mais famílias, para se somar com as que já estavam com seus barracos de lona construídos. Por esta razão, o INCRA⁵, instruiu o processo de desapropriação da então fazenda, que foi entregue às famílias sem terra, em ato de emissão de posse no dia 07 de dezembro de 1999. (PDA CONTESTADO)

O Assentamento Contestado está constituído por 108 famílias, tendo área total de 3.180 hectares, onde as famílias estão organizadas em núcleos⁶ de vizinhança com média de 10 famílias cada, conforme quadro 1.

Quadro 1	
Grupos	Famílias assentadas
Antônio Tavares	13
Eduardo Aguinoni	10
Evolução Camponesa	11

⁵ Instituto Nacional de Colonização da Reforma Agrária.

⁶ Essa organização em núcleos de base está presente desde as primeiras ocupações do MST, cada núcleo é constituído por determinado número de indivíduos (geralmente entre seis e doze), dependendo da realidade de cada acampamento e assentamento e cada membro desse grupo passará a desempenhar uma atividade específica no acampamento, seja na saúde, segurança, infraestrutura, educação, etc.

Libertação Camponesa	11
Sebastião Loiola	12
Ernesto Che Guevara	09
Gabriel Kais	09
Roseli Nunes	15
Iguaçu	08
Sepé Tiaraju	10
Total	108
Fonte: Autora, 2012	

Em cada núcleo, há um homem e uma mulher indicados para a função de coordenadores, enquanto os demais membros ocupam funções nos setores de produção, educação, saúde, comunicação e cultura, infra-estrutura, formação e finanças. A coordenação geral e todos setores têm duas reuniões ordinárias por mês, e dessa forma gestionam os interesses e as necessidades das famílias assentadas. (KORCZAK; NOTÁRIO; SANTOS E TUNINI, 2019)

No Movimento Sem Terra a organicidade faz parte da formação dos sujeitos, ela é uma forma organizativa assumida pelo MST, através do método de participação das famílias Sem Terra, desde a base com o objetivo de fortalecer as instancias de debate e decisão coletiva, do Movimento, é um elemento fundamental do processo, uma forma de organização das famílias para garantir o melhor desenvolvimento das atividades, MST afirma que: [...] através da sua organização, lutas e conquistas, busca construir permanentemente uma sociedade alicerçada no ser humano, no respeito ao meio ambiente e nos valores da solidariedade, companheirismo, igualdade e indignação contra qualquer forma de injustiça. (MST, 2016. p. 10)

Dentro de cada estado há uma forma de organização das famílias, tem-se algumas experiencias de se trabalhar com regiões e micro regiões, mas no Paraná elas são organizadas por Brigadas⁷, (que é dividida por região), cada região possui um número X de brigadas, dependendo do número de famílias beneficiárias da

⁷ As brigadas representam outra instância de discussão do Movimento e são constituídas pela articulação dos núcleos de base. Existem brigadas de cinquenta famílias (junção de aproximadamente cinco núcleos de base) e de quinhentas famílias.

Reforma Agrária sendo elas de acampamentos e assentamentos. Nos espaços de acampamento e assentamentos as famílias também estão organizadas por grupos denominados Núcleos de base, geralmente cada grupo é composto por 10 famílias, estas famílias também são inseridas nas tarefas da organização, que são os setores⁸ sendo estes, setor de educação, saúde, disciplina, infraestrutura, alimentação, frente de massa, finanças, produção. Também nos espaços de acampamentos e assentamentos tem os coletivos de mulheres, juventude e sem terrinhas⁹. Todas essas instâncias representam espaços de aprendizados, que estão relacionados aos princípios organizativos¹⁰ do movimento. (KORCZAK; NOTÁRIO; SANTOS E TUNINI, 2019).

No Contestado a forma de organização adotada se dá através da direção coletiva, coordenação, setores de saúde, educação, cultura e coletivos de juventude e de mulheres, cada uma destas frentes tem suas especificidades organizativas dos trabalhos, porém ambas com os mesmos propósitos de organização, para o melhor desenvolvimento do assentamento.

Dentro desta organicidade do assentamento, vamos nos atentar mais neste momento para o coletivo de mulheres, como vamos poder observar a agroecologia é um ponto bastante forte no assentamento, e todo esse olhar para a produção nos indica o olhar, mas também essa Identidade com o assentamento e com a vida que as mulheres vão construindo, tem um olhar na organicidade, produção, e nas relações do assentamento.

⁸ Os setores do MST na atualidade são: saúde, gênero, educação, cultura, comunicação, formação, projetos e finanças, produção, frente de massa. Estes setores são implementados de acordo as necessidades de cada comunidade, portanto em determinado espaço alguns desses setores podem não se encontrar organizados.

⁹ Os Sem Terrinha, como os próprios se denominam para marcar a sua identidade de “ser criança Sem Terra”, são, sobretudo, “crianças em movimento”, portanto, estão inseridas na dinâmica de um movimento social que também elas, como crianças, ajudam a construir. Ao mesmo tempo [...] Arenhart (2007, p.)

¹⁰ O MST tem por princípios organizativos: direção coletiva; divisão de tarefas; estudo; profissionalismo; planejamento de todas as atividades que forem empreendidas; espírito de estudo e vinculação com as massas e o exercício da crítica e autocrítica.

PAPEL DAS IDENTIDADES NO MOVIMENTO DE CONSCIENCIA: UM DOS PASSOS PARA A EMANCIPAÇÃO HUMANA

Ao longo dos anos a participação da mulher nos processos foi historicamente negada, para sociedade capitalista não interessa que a mulher se valorize e participe das discussões, pois assim é mais fácil domina-las. O patriarcado é um sistema de dominação da sociedade de classes e da propriedade privada, e para essa dominação e exploração acontecer é fundamental a divisão social do trabalho, onde a mulher tem que se subordinar ao homem principalmente em relação à sociedade. (Setor de Gênero, MST, 2015)

Nesse sentido as diferentes relações sociais entre o gênero feminino e masculino deveriam seguir um padrão ideal na qual os homens se transformam em maridos e as mulheres em esposas, sendo necessário a dominação do corpo da mulher e de suas decisões individuais. Isso tudo foi dando origem a uma construção social de subordinação da mulher imposta de diferentes formas de dominação e principalmente pela violência.

Para o capitalismo o mais importante é o lucro, e [...] O patriarcado se vincula a uma sociedade onde tudo se transforma em mercadoria, inclusive a mulher e eu corpo, somando a divisão social e sexual do trabalho [...] (SETOR DE GENERO, MST, 2015). Aprofundando cada vez mais as desigualdades sociais de gênero, para eles a mulher interessa como instrumento de trabalho e lucro, pois em todas as épocas elas contribuíram para o sustento da família e para gerar mais riquezas na sociedade.

No capitalismo o trabalho das companheiras é tido como menos relevante do que o do homem, mas mesmo assim não pode ser descartado, pois esse trabalho garante e permite a sociedade capitalista gerar mais lucro através da intensificação do trabalho, salários inferiores ao do homem e extensão da jornada de trabalho permitindo o capitalismo arrancar o máximo da mais-valia gerada pelas mulheres.

Nessa sociedade a mulher é vista como aquela que cuida de tudo que se refere a família, é sensível, uma boa dona de casa, entre outras coisas, “O processo de inserção das mulheres nas tarefas dirigentes da organização, assim como o de se fazer reconhecer como sujeitos políticos da luta pela terra e pela reforma agrária,

não foi nada fácil e exigiram das companheiras muita persistência e conspiração. (SETOR DE GÊNERO MST, 2018. p. 16)

Assim que o movimento se constituiu na história como um movimento popular, desde sua fundação demonstra a importância de toda a família dentro do processo de luta, ficando evidente e necessária a participação das mulheres. No entanto, as mulheres não eram incentivadas a participar das atividades político-organizativas do movimento, ou quando estavam presentes suas ideias pouco eram aceitas. Neste sentido foi necessária uma luta dessas mulheres dentro do processo de luta pela terra para que estas tivessem voz ativa nas decisões. (OLIVEIRA, 2018, p.15)

Apesar da família sempre estar inserida nas atividades, ao longo da história as mulheres sempre sofreram, várias formas de descriminalização muitas vezes só pelo fato de ser mulher, ela era tida como um objeto que não podia tomar decisões próprias era totalmente dependente de uma figura masculina, primeiramente do pai, depois do marido, tinha que ser dona de casa, cuidar dos afazeres domésticos dos filhos e obediente ao marido, não podia expor suas opiniões muito menos tomar decisões nos processos.

As mulheres sempre estiveram e estão presente em todas as partes da construção da história do MST, apesar do movimento vir discutido a respeito da questão de gênero e participação das mulheres nas diferentes frentes de trabalho ainda temos muito que avançar, pois nas atividades desenvolvidas quase nunca as mulheres aparecem ou são devidamente reconhecidas, está invisibilidade acontece em muitos espaços e setores da sociedade.

No Assentamento Contestado a organização das mulheres foi um dos pontos fortes que está presente desde seu início, como relata uma das companheiras que ajudaram fundar o coletivo.

A gente foi participando dos atos das coisas do movimento daí isso foi exigindo de nós a participação e a organização das mulheres e com isso a gente foi discutindo e formando a coordenação das mulheres a gente fazia encontro de formação, participava dos encontros que tinha no assentamento e fora, mobilizações, manifestos, atos, sempre tinha uma participação boa das companheiras. No assentamento somos organizados para não lutar só pela terra, mas também lutar pelos nossos direitos né, bem-estar viver bem sem torturas sem sofrimento. (Entrevistada 3)

A participação das mulheres nas atividades do MST foi exigindo delas uma organização maior, por elas sempre participarem em massa das atividades realizadas pelo Movimento, e terem cuidado uma com as outras, sempre

preocupadas em tentar ajudar as companheiras que passavam por algum tipo de dificuldade ou violência esses fatores foram essenciais para a criação do coletivo de mulheres dentro do assentamento.

O coletivo era muito organizado as mulheres se reuniam uma vez por mês cada mês na casa de uma companheira de um grupo primeiro fazia uma hora de reunião, discussão e debate e depois fazia uma confraternização onde cada mulher trazia um prato era uma fartura de comida. As mulheres também traziam mudas de flores, ervas medicinais até roupas para trocar entre as mulheres, era uma alegria, muito unida, tinha mulher que andava cerca de 6 quilômetros a pé para participar. Era organizada noites de macarronada, pizza, feijoada no assentamento uma ou 2 vezes por ano para arrecadar dinheiro para participar do 8 de março e outras mobilizações do MST. (Entrevistada 2)

O coletivo de mulheres no Assentamento Contestado é um dos coletivos mais organizados presente no assentamento, que sempre está se reunindo para fazer atividades que puxam as companheiras para a luta. Atividades que valorizem nossa cultura, garantindo a participação das mulheres nas discussões, além de promover diversos cursos e oficinas de incentivo e lazer, o coletivo é um espaço que as companheiras discutem expõem suas ideias sobre os mais diferentes assuntos e também trabalham o corpo a mente, através de atividades recreativas que proporcionem isto.

Portanto, na construção do assentamento foi de extrema importância, a participação das mulheres pois o coletivo de mulheres foi um dos coletivos que resiste até hoje, as vezes mais fortalecido as vezes nem tanto, a organização desse coletivo fez com as mulheres do assentamento fossem mais valorizadas, e reconhecidas, promovendo a maior participação nas companheiras nas atividades do Movimento.

Sempre existiu a participação da mulher desde a ocupação se a mulher não estiver junto com os homens, os homens sozinhos não fazem a ocupação, porque a polícia junta no cacete, então sempre existiu e tem que existir a participação da mulher e das crianças, para a ocupação ou qualquer conquista, a mulher tem que estar do lado do homem, conquista da terra, conquista dos direitos essa questão de dinheiro recurso para investir nos lotes no assentamento. Então as mulheres participam desde as reivindicações de escola, posto de saúde, correio, igreja, então sempre as mulheres na questão de saúde e educação até hoje as mulheres estão na linha de frente né. Então as mulheres sempre têm que estar organizadas para ir atrás dos direitos né porque se ela só espera pelos homens muita pouca coisa acontece. (Entrevistada 2)

As tarefas relacionadas à saúde, educação as atividades vinculadas ao cuidado de todos seja criança, adulto ou idoso e a organização desses espaços são destinadas as companheiras são atividades menos prestigiadas pelos homens que consideram essas atividades como sendo apenas da mulher por serem mais sensíveis e cuidadosas, um desvio de compreensão e de divisão sexual e social do trabalho na sociedade capitalista, que ainda afetam o olhar a e prática de nossos companheiros.

No âmbito da coletividade foram várias as conquistas trazidas para o assentamento desde os níveis de escolarização e as companheiras e que estavam e estão a frente dessas conquistas. O setor de educação mantém a iniciativa de organizar e correr atrás de uma educação do e no campo que valorize os sujeitos, sua identidade e os torne reflexivos e críticos, que pensem em transformar a sociedade em que vivemos partiu das mulheres, tanto que na rede municipal o coletivo de educadores da escola é somente de mulheres.

Em relação a saúde as mulheres é que estão na linha de frente das conquistas que trouxeram vários benefícios para as famílias assentadas, como a Unidade Básica de Saúde (UBS) Chica Pelega¹¹, que foi inaugurada em dezembro de 2016, com um espaço dentro do assentamento, onde uma vez por semana conta com o atendimento de um clínico geral e uma vez por semana tem consultas odontológicas para a comunidade.

Acredito que as mulheres tiveram papel bem importante em alguns setores principalmente na educação a participação das mulheres sempre foi mais efetiva e maior no grupo de mulheres nesta questão de gênero também, tem sido uma participação maior sempre das mulheres na saúde na coordenação em função do movimento discutir um homem e uma mulher a gente tem a participação das mulheres e hoje em dia mais atualmente tem uma participação maior das mulheres na cooperativa na questão da produção não que as mulheres não participem da produção desde sempre produzindo e trabalhando na roça mas agora parece que tem uma participação um pouco melhor nesta questão de também ser associada da cooperativa, também entregar produtos e também fazer parte das direções da cooperativa, então eu acho que a participação das mulheres no assentamento tem um marco muito importante de ajudar construir o assentamento, claro que nunca é 100 % sempre é porcentagem menor que as dos homens mas tem. (Entrevistada 1).

¹¹ O nome Chica Pelega é em homenagem a uma moça jovem e batalhadora que foi assassinada junto com seu pai na guerra do contestado, eles participaram com os posseiros da guerra, durante a guerra ela saía montada em um cavalo fazer chás e remédios com ervas naturais para as pessoas feridas pela guerra.

Ao longo dos anos as mulheres foram deixando suas marcas no processo de construção do assentamento e se inserindo cada vez mais nas atividades, em alguns setores está bem forte sua presença em outros nem tanto, mas de forma geral as mulheres estão presente em todos os setores.

Isso se deu pelo fato do Movimento vir discutindo a inserção das companheiras, a proposta do MST é que se tenha a representatividade de um homem e uma mulher nos setores.

Entretanto, a participação das mulheres em diferentes atividades e setores tem crescido bastante, até mesmo em setores que antes não era visto sua inserção, como o setor da produção que elas ajudaram a construir, mas em alguns como saúde, educação e gênero as companheiras lideram.

Educação, saúde e ai setor de gênero que quase se resume em participação da mulher apesar da gente ter feito alguns seminários com a participação das famílias para discutir essa questão de gênero ao longo do assentamento mas ainda assim quem mais trabalha esse tema, quem mais estuda esse tema, quem mais faz atividades em relação ao gênero são as mulheres, mas acho que tem a participação das mulheres em todos os setores do assentamento inclusive no trabalho, no trabalho sempre as mulheres estão presentes e agora um pouco mais se colocando como mulher na participação né, principalmente quando se refere e diz respeito a economia por que até um tempo atrás as mulheres não se colocavam tanto assim por que agora elas tem projeto, agora elas entregam no nome delas, dum tempo pra cá também o INCRA coloca os lotes das famílias que entraram mais recentemente no nome da mulher então tem uma visibilidade maior da mulher neste sentido. (Entrevistada 1)

O papel atribuído para a mulher na sociedade era o de ser enfermeira, professora, tudo voltado para o cuidado, na história essas eram as únicas profissões além de ser do lar que era vista como profissão feminina, nunca foi o de coordenar os processos econômicos de produção e meios de produção, por isso que historicamente a primeiro momento as mulheres vão participar desses espaços. Elas vão por dois motivos, por que é um espaço que elas se sentem mais à vontade por que na sociedade é um espaço que é dito que é delas, mas também por elas tem essa perspectiva do cuidado com coletividade o cuidado com as pessoas, porém isso não tira dessas companheiras o olhar para a totalidade da vida dos processos produtivos e econômicos por isso que é tão forte o processo produtivo das mulheres.

Entretanto nos últimos anos a mulher vem sendo mais valorizada e respeitada nos nossos espaços, elas estão procurando estudar, pesquisar, ir atrás de informações para aprofundar seus conhecimentos sobre gênero e trazer essas

discussões e reflexões para o coletivo. Até mesmo alguns órgãos públicos estão reconhecendo mais a participação das companheiras como o Instituto Nacional de Colonização da Reforma Agrária – INCRA, que passou a colocar o nome delas como titulares dos lotes, mas este foi um processo de muita luta das companheiras, com isso outros projetos relacionados a economia e ao sustento no assentamento também passaram a inserir o nome das companheiras, dando mais visibilidade para elas nos trabalhos que são realizados.

Apesar dessas conquistas ainda temos muito que mudar e evoluir com relação à inserção e valorização das companheiras nos nossos territórios. Segundo relatos o coletivo de mulheres enfraqueceu bastante nos últimos anos.

Há hoje o que está mais forte, porque enfraqueceu muito o grupo de mulheres que a gente tinha, porque a gente tinha um grupo de 80% de participação das mulheres nos encontros dentro do assentamento e fora, nos encontros do 8 de março, nas mobilizações, as mulheres participavam muito, e foi enfraquecendo porque as mulheres foram se acomodando nos lotes, cada um cuida do que é seu né, meio deixando de lado a participação né. (Entrevistada 2)

Essa acomodação nos lotes um pouco se deu pela intensa jornada de trabalho que pesa sobre as companheiras, que se dá dentro e fora de casa. Além de todas as tarefas de casa dita e reforçada pela sociedade como sendo da mulher (lavar, passar, cozinhar, limpar...), tem o trabalho de fora de casa na produção, cuidado com os animais, não sobrando tempo para que participem das atividades proposta pelo coletivo de mulheres, ou quando sobra esse tempo elas já estão exaustas e cansadas de todos os trabalhos realizados.

O capitalismo criou uma invisibilidade da mulher para garantir a exploração do trabalho produtivo e reprodutivo fundamentais para ele, de modo que o trabalho desenvolvido dentro de casa pelas companheiras não é considerado um trabalho, mas uma extensão natural do ser mulher, e o trabalho fora de casa é pior remunerado, somente pelo fato de ser realizado pela mulher, e isso é tido como normal para a sociedade [...]“O homem trabalha porque é homem; a mulher porque precisa”. Isto é, o trabalho constitui a própria identidade masculina, enquanto as mulheres estão como que provisórias no mundo do trabalho [...] (NOBRE, 2017. p. 3).

Para a mulher foi atribuído uma enorme carga histórica de violência, e desigualdade, consentida pela sociedade e romper com isso é um grande desafio que prevalece até os dias de hoje.

No Movimento Sem Terra os valores cultivados desde suas raízes são: ser militante, companheiro, ter consciência e pertença a luta, carregar nossas simbologias, fazem parte da nossa identidade Sem Terra, igualmente com luta pela igualdade e pela justiça social, incluindo novas relações de gênero.

Nesse sentido são nos processos de luta e resistencia que as mulheres como sujeitos sociais ativos, juntamente com outros sujeitos excluídos, esses indivíduos denominados sem terra, aos poucos vão forjando uma identidade coletiva, passando a se identificar como Sem Terra (sem hífen e com letra maiúscula), pois não é apenas o fato de não ter a terra, mas sim, incorpora o elemento da luta conjunta, assumindo e construindo sua própria identidade coletivamente.

[...] se produz como uma identidade que primeiro é política, mas que se torna também cultural, à medida que recupera raízes, recria relações e tradições, cultiva valores, inventa e retrabalha símbolos que demonstram os novos laços sociais, e assim faz história. (Caldart, 2000, p. 24).

Na luta por seus próprios interesses sociais, de assumir coletivamente a própria existência social enquanto trabalhadores e trabalhadoras da terra se reconhecendo como trabalhador e trabalhadora enquanto classe social, é que o sem-terra constitui-se enquanto *sujeito social*¹² de nome Sem Terra.

Consquistando um pedaço de chão, o trabalho e as energias gastas, faz com que homens e mulheres passem a não se identificar como apenas um ser individual, mas sim como sujeitos coletivos vinculados a um movimento social.

Experimentando e vivenciando uma nova forma de organizar a vida seja ela no aspecto social, político, articulada a um projeto de sociedade socialista, essa vivência constroi dimensões formadoras que se concretizam no modo de organização da vida do espaço onde vive. O dia a dia das famílias inseridas na luta,

¹²Caldart (2000), usa a expressão *sujeito social* para identificar uma coletividade, que coletivamente constrói sua identidade, no processo de organização e de luta pelos seus próprios interesses sociais.

os conflitos e as vivências presentes no coletivo torna-se educativo para aqueles e aquelas que fazem parte desse processo. Segundo Caldart (2000, p.26);

Este Sem Terra, formado pela dinâmica da luta pela Reforma Agrária e do MST, pode ser entendido como um novo sujeito sociocultural, ou seja, uma coletividade cujas ações cotidianas, ligadas a uma luta social concreta, estão produzindo elementos de um tipo de cultura que não corresponde aos padrões sociais e culturais hegemônicos na sociedade capitalista[...]

A formação do sujeito Sem Terra é um processo de formação humana que é, construída a partir das experiências humanas materializadas nas suas ações, ações essas de como os e as Sem Terra se organizam para fazer a luta pela terra, a luta pela produção e reprodução de sua existência, isso se caracteriza como a materialidade da formação do sujeito Sem Terra.

[...] A formação do sem-terra, pois, não se dá pela assimilação de discursos, mas, fundamentalmente, pela vivência pessoal em ações de luta social, cuja força educativa costuma ser proporcional ao grau de ruptura que estabelece com padrões anteriores de existência social destes trabalhadores e destas trabalhadoras da terra, exatamente porque isto exige a elaboração de novas sínteses culturais. (Caldart, 2000, p. 106).

É impossível olharmos para a formação do sujeito de nome Sem Terra, sem entender e compreender o MST como sendo seu principal educador, que constitui “uma coletividade em movimento que é educativa, e que atua intencionalmente no processo de formação das pessoas que a constituem” (Caldart, 2000, p.199). Neste contexto a luta pela terra se vincula às outras lutas internas, que envolve as relações humanas.

A luta pela terra está diretamente ligada à dimensão do processo de formação humana, concretizando-a em um determinado modo de produção da formação humana, elaborando e construindo processos socioculturais, políticos, econômicos. “Trata-se de pensar no movimento social como princípio educativo, ou seja, como base da concepção de educação construída através da experiência humana de ser do MST. ((KORCZAK; NOTÁRIO; SANTOS E TUNINI, 2019).

Nesse sentido a Identidade Sem Terra está bastante presente no Contestado como relata a companheira:

[...] Para mim identidade é você ser sujeito a partir de um movimento social de um projeto que você tem de sociedade e acredito que aqui a gente tem uma boa parte dela dos assentados que tem orgulho de estar aqui que tem orgulho de ser do MST, que tem orgulho de construir esse espaço e dizer é meu espaço que eu ajudo construir para mim identidade é quando a gente se coloca como sujeito da história e acredita que o que a gente tá fazendo é algo que vai transforma que vai fazer diferente na sociedade, eu fico pensando que aprendi muito depois que estou no MST, então eu tenho orgulho de ser sem terra por que eu aprendi muita coisa tenho consciência de muito nessa sociedade que a gente vive a partir da minha inserção no movimento sem terra então para mim isso é identidade é eu saber que aqui eu aprendo que aqui eu construo que aqui eu sou sujeito da história também.(Entrevistada 1)

As mulheres e as famílias assentadas buscam valorizar e cultivar a identidade, se reconhecendo como partes desse espaço, reafirmando o Movimento como um movimento que educa e conscientiza as pessoas a ver seu papel na história da sociedade, sentindo orgulho de estar no assentamento e fazer parte do MST, se colocando como sujeitos da história com a perspectiva de construir uma sociedade diferente, de forma coletiva, e isso tudo faz parte da nossa identidade Sem Terra.

As famílias buscam reforçar essa identidade na luta diária nas atividades do assentamento e do MST, ajudando na construção e na participação da organização coletiva, buscando reivindicar seus direitos e melhorias para o assentamento que beneficia todo o coletivo que dele faz parte.

Pois Inseridas na organização desde seu início, as mulheres do Assentamento Contestado sempre tiveram um processo de participação ativa, porém sempre com um olhar atento e participativo aos processos produtivos do assentamento, ainda que no senso comum tomado como menos importante, pois no senso comum as mulheres não são focadas nos processos produtivos, seus olhares sobre os processos apresentados, por isso que os elementos que discorrem trazem o foco das mulheres com esse olhar na produção, o que nos aponta os elementos que contrariam o senso comum da não participação das companheiras na totalidade dos processos produtivos.

O OLHAR DAS MULHERES SOBRE A HISTÓRIA DO ASSENTAMENTO, A OUSADIA NOS SISTEMAS PRODUTIVOS E NA RESISTÊNCIA DA VIDA

A participação das mulheres e sua identidade com a produção, é um ponto muito forte no assentamento, as mulheres estavam presentes desde o processo de ocupação da área, da escolha do nome do assentamento, na construção e acompanhamento da ELLA – Escola Latina Americana de Agroecologia¹³. Porque apesar do senso comum apontar que as mulheres não são focadas nos processos produtivos, no Contestado isto é visto diferente pois as mulheres veem a importância da agroecologia, cuidado com a terra para ter um alimento saudável, a importância da cooperação, a necessidade de comercialização dos produtos e renda que as mulheres têm.

Uma das maneiras de contrapor o sistema capitalista, é combatendo o agronegócio e à lógica social destrutiva de que ele é parte, portanto o MST vem pautando a agroecologia como alternativa, pois ela fundamenta um modelo de agricultura que seja ao mesmo tempo produtiva, ecologicamente equilibrada, ampliando a compreensão de conservação da biodiversidade, que estabelece que esta seja socialmente justa, economicamente viável e culturalmente vinculada á vida dos povos.

A agroecologia se desenvolveu a partir de conhecimentos e técnicas experimentadas por agricultores camponeses em diferentes épocas e lugares o mundo. Ela é uma vertente agrônômica que engloba técnicas ecológicas de cultivo com sustentabilidade social.

Como ciência, a agroecologia emerge de uma busca por superar o conhecimento fragmentário, compartimentalizado, cartesiano, em favor de uma abordagem integrada. Seu conhecimento se constitui, mediante a interação entre as diferentes disciplinas, para compreender o funcionamento dos ciclos minerais, as transformações de energia, os processos biológicos e as relações socioeconômicas como um todo, na análise dos diferentes processos que intervêm na atividade agrícola. (GUHUR e TONÁ, 2012, p. 60).

¹³A Escola Latino Americana de Agroecologia – ELAA-, resulta da iniciativa dos Movimentos Sociais camponeses articulados na Via Campesina. Está localizada no Assentamento Contestado, e foi inaugurada no dia 27 de agosto de 2005. A mesma trabalha com a formação em agroecologia para jovens camponeses e camponesas da América Latina, em parceria com o Instituto Federal de Educação do Paraná – campus de Campo Largo, oferecendo o curso de Tecnologia em Agroecologia e com a Universidade Federal do Paraná UFPR, o curso de Licenciatura em Educação do Campo

Neste contexto, desde a ocupação da terra e o planejamento deste assentamento, houve debates sobre o modelo de produção que seria adotado pelas famílias quando obtiverem a terra. O objetivo maior foi a produção orgânica e proibição total do uso de agrotóxicos, que se apresentava muito forte naquele período, de desgastes dos pacotes do agronegócio nos assentamentos, vinculado à decisão política do MST de assumir a agroecologia e a produção de alimentos saudáveis, como parte de seu projeto de Reforma Agrária Popular. (MST, 2013. p.15).

Hoje, no assentamento mais de 80 % das famílias que trabalham e vivem da produção agroecológica. Uma parte destas trabalham as terras com sistemas agroflorestais, com produtos diversificados e lavoura orgânica e criação de gado. Outra parte trabalha com produção de hortaliças em pequenas áreas destinadas para produção orgânica e criação de gado, arrendando o restante do lote para produção de soja ou milho convencional.

Uma das maiores fontes de renda no assentamento é a produção de hortaliças, estimulados por vários projetos para venda e comercialização, todavia quem começou a produzir verduras para esses fins foram às mulheres. Pois, como resultado da divisão social e sexual do trabalho na sociedade, poucos homens aceitavam o trabalho e ajudavam as companheiras, um preconceito afirmado pelas relações de poder e machismo por parte deles, não só por culpa deles, mas de uma sociedade que por mais que tenha mudado bastante nos últimos anos, insiste em persistir a afirmar que existem tarefas de homens e mulheres, pregando cada vez mais esse tipo de hierarquia e desigualdade nas relações de gênero, nos movimentos sociais também se apresentam nos homens e mulheres estes preconceitos fortes na sociedade capitalista, através da vida cotidiana das famílias e suas relações, por isso, nas origens do movimento há luta por novas relações de igualdade e gênero, para o MST o lugar do homem e da mulher é onde eles quiserem.

Nesse sentido, as mulheres foram puxando essa questão da comercialização dos produtos, em especial das hortaliças, plantando, fazendo feira nas cidades e quando chegavam grupos de visitantes no assentamento e na Escola Latino-americana de Agroecologia – ELAA, elas se organizavam para ter uma renda mensal, semanal e as vezes até mesmo diária a partir da venda dos produtos, cultivados por elas.

Com isso começaram a escrever projetos através da associação como os do Programa de Aquisição de Alimentos – PAA e o Programa Nacional de Alimentação Escolar – PNAE, e os homens começaram a ver que entrava dinheiro, e foram se animando a produzir, a ajudar as mulheres a plantar verduras e comercializar, mas até hoje as mulheres são a linha de frente da produção agroecológica, desde a venda para projetos, às feiras e sacolas no assentamento.

A questão da agroecologia aqui no Assentamento Contestado partiu das mulheres com relação ao plantio de alimentos, porque quando começou no ano 2000 a 2001 começaram a ver muitos visitantes que vinham conhecer o assentamento, a escola, a sede e as mulheres foram organizando feiras para vender seus produtos lá na sede e com isso foi aumentando o interesse dos visitantes pelos produtos, foram acontecendo encontros e cursos e a montando feiras e o pessoal de fora começaram a vir e pedir outras coisas além do alimento para comprar. (Entrevistada 2)

Nesse sentido as mulheres do Contestado sempre buscaram de alguma maneira comercializar e divulgar seus produtos, elas viram na agroecologia uma maneira saudável de produzir sem agredir o meio ambiente, aproveitando os recursos que a natureza pode oferecer, através da produção de frutos e hortaliças orgânicos.

Dentro da lógica do mercado, uma das dificuldades maiores é a comercialização dos produtos agrícolas, seja ela orgânica ou convencional, as cooperativas de comercialização são alternativas encontrada para o escoamento dos produtos sem atravessadores e abrem canais para o mercado, principalmente quando o produto é orgânico.

Pensando a partir desta necessidade de colocar os produtos cultivados pelas mulheres e suas famílias no mercado, vinculado ao surgimento das políticas públicas para agricultura familiar, que em 2010 iniciou-se o processo da Cooperativa de Agroindústria e Comércio Terra Livre¹⁴, com o objetivo de comercializar os produtos das famílias assentadas, principalmente a produção agroecológica. Iniciou-se com a associação¹⁵ dos produtores que, logo após, virou uma Cooperativa Terra Livre.

¹⁴ Nome dado a cooperativa que iniciou o processo de comercialização dos produtos.

¹⁵ Primeira iniciativa de organizar a produção das famílias do assentamento

Na questão da cooperativa Terra Livre a participação das mulheres foi essencial, foi delas e dos homens, que surgiu a ideia de construir a cooperativa, por que a gente começou com a associação né, e a associação tem até hoje, mas não sei quantos sócios tem não me lembro, e a associação ficou pequena pela quantia de produção e projetos que precisava escrever então onde foi fundada a cooperativa Terra Livre e com isso tem muito a participação das mulheres e mulheres que estão na direção da cooperativa (Entrevistada 2)

Entretanto, com o aumento da produção e a quantidade de projetos para atender, a associação ficou pequena para organizar a produção dando início a cooperativa, uma conquista muito grande para as famílias assentadas, dentro do nosso território de Reforma Agrária.

A certificação das áreas de produção é realizada de forma participativa pela Rede Ecovida¹⁶. Esta rede funciona como rede participativa de certificação orgânica, que tem seus grupos em determinadas locais ou regiões nos estados do Paraná (PR), Santa Catarina (SC), Rio Grande do Sul (RS) e São Paulo (SP) e continua crescendo para outros estados. Estes grupos compõem os núcleos regionais e tem seus representantes. Cada uma dessas esferas possui espaços para tomadas de decisões como reuniões dos grupos, plenária dos núcleos, plenária estaduais e encontros ampliados (este último é o espaço maior de encontro que se realiza cada dois anos). (KORCZAK; NOTÁRIO; SANTOS E TUNINI, 2019).

No âmbito da Rede Ecovida de Agroecologia, tem sido trabalhada a certificação como um processo pedagógico onde os produtores se reúnem para acompanhar e fiscalizar uns aos outros. As reuniões acontecem uma vez por mês em cada grupo. O objetivo é garantir a credibilidade e confiança dos produtores e avaliar o agroecossistema, se está ou não respeitando os princípios da rede, os princípios da produção orgânica. (KORCZAK; NOTÁRIO; SANTOS E TUNINI, 2019).

A credibilidade é gerada a partir da seriedade conferida a todo o processo, partindo da palavra da família e se legitimando socialmente, de forma acumulativa nas distintas instâncias organizativas que está família integra. Hoje, 37,96% dos produtores associados na cooperativa já são certificados e cadastrado no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). Os demais cooperados se encontram em processo avançado de transição agroecológica. (KORCZAK; NOTÁRIO; SANTOS E TUNINI, 2019).

¹⁶ Informação obtida da Página do MST Por Riquieli Capitani Da Página do Mst.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que este trabalho teve como objetivo identificar a construção da identidade Sem Terra sob a perspectiva das mulheres no Assentamento Contestado, tendo como base estudos bibliográficos e entrevistas, destaca-se aqui algumas considerações finais que alcançamos ao longo desse processo.

Através da pesquisa ficou muito clara a participação da mulher na construção da identidade Sem Terra do e no Assentamento Contestado e seus processos produtivos, é muito recente na história do Movimento e da sociedade as mulheres coordenar esses processos, pensando no contestado e muito importante a visibilidade do trabalho produtivo das mulheres e dessa capacidade que elas têm de coordenar processos e de orienta-los.

Se não as fosse as companheiras acreditarem e se desafiarem dificilmente o assentamento Contestado teria a importância que tem hoje com relação à produção, saúde, educação e outras frentes de trabalho.

Para elas desenvolver a identidade sem terra é participar de todas esses processos, a Identidade Sem Terra para as mulheres do Contestado é uma identidade viva que mesmo com os limites e contradições que existem dentro do assentamento.

Elas estão presente e ajudando a construir a Reforma Agrária Popular e ao ajudam diariamente a construir a agroecologia e os processos produtivos da agroecologia e da cooperação, os processos de educação, os processos de saúde alternativas, elas reinventam uma identidade Sem Terra atuante e permanente no território do assentamento Contestado, ao participar desses espaços elas reafirma essa identidade ligada a Reforma Agrária Popular nesse assentamento que está presente em todas as relações que ele desenvolve.

Entretanto a luta para as mulheres ocuparem os espaços na sociedade, serem reconhecidas e terem a visibilidade de suas ações apesar de ter tido alguns avanços continua sendo uma luta árdua e constante, ainda há muitos desafios para a mulher sem terra neste momento histórico de conservadorismo e diminuição dos direitos. Nesse sentido que o MST continua lutando para que um dia se conquiste a

transformação da sociedade em algo mais justo e igual para todos independente do sexo e do gênero.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Caderno de formação do setor de Gênero n.06. **A conspiração dos Gêneros: Elementos para o Trabalho de Base**. 2018.

Caderno de Formação do setor de Gênero. **Feminismo Camponês e Popular: com identidade e revolucionário** – CEAGRO, Paraná 2015.

CALDART, R. S. *Pedagogia do Movimento Sem Terra*. 3º ed. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. Petrópolis: Vozes, 2000.

ITERRA/UFFS. **A Gente Cultiva a Terra e ela Cultiva a Gente**: História do MST. Veranópolis, RS: MST, 2015.

KORCZAK, M.; NOTÁRIO, J. C.; SANTOS, A. C. dos.; TUNINI, S. J. **Contestado: conquistas e desafios**. 2018. 46 p. Inventário da Realidade (Especialista em Educação do Campo e realidade brasileira através de seus pensadores) – Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná, Matinhos, 2019.

MST. **Normas Gerais e Princípios Organizativos do MST**, Expressão Popular, 2016.

MST. **Programa Agrário do MST**, Secretaria Nacional, 2013.

NOBRE, Miriam; SILIPRANDI, Emma; QUINTELA, Sandra; MENASCHE, Renata (orgs.). **Gênero e Agricultura familiar**. SP: SOF, 1998. Disponível em: [http://www.enfoc.org.br / system/arquivo/documentos/11/f1207relaes-de-genero-e-agricultura-familiar---miriam-nobre.pdf](http://www.enfoc.org.br/system/arquivo/documentos/11/f1207relaes-de-genero-e-agricultura-familiar---miriam-nobre.pdf). Acesso em 09.2019.

OLIVEIRA. S. D. **FEMINISMO E MST**: Avanços e desafios para consolidação do coletivo de mulheres no Paraná. 2018. 50 f. Monografia, (Especialização em Estudos Latino-Americanos) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Lapa, 2018.

STEDILE, J.P.; FERNANDES, B. M. *Brava gente: a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil*. São Paulo, SP: Fundação Perseu Abramo, 1999.

TARDIN, J. M, GUHUR (orgs), D.M.P. **Diálogo de Saberes no Encontro de Culturas: Caderno de Ação Pedagógica** EMS: Maringá-PR, 2012.

TONÁ, Nilciney. **A pesquisa nos Cursos de Agroecologia e nas Escolas e Centros de Formação dos Movimentos Sociais do Campo no Paraná.** 7 fls. In: MST. **II Seminário Nacional O MST e a Pesquisa:** Pesquisa e Educação Científica nas Escolas e Cursos Formais do MST. Escola Nacional Florestan Fernandes, Guararema, 14 a 17 de março de 2007.